

Ao sabor da maré, na rede de um pescador.

Noêmia Coutinho Pereira Lopes*

* Mestranda em Letras/
Estudos Literários pela
Universidade Estadual
de Montes Claros (UNI-
MONTES

Apresentar ao público um objeto artístico não é tão simples quanto parece. No entanto, desafios são interessantes e merecem ser encarados, não com a certeza de vencê-los, mas com a possibilidade de crescimento que o olhar do outro, que já pôde provar do objeto apresentado - ou reapresentado -, irá nos revelar. Desse modo, aceitando o desafio, apresentamos **O filho do pescador**, escrito por Teixeira e Sousa Antônio Gonçalves Teixeira e Sousa e publicado em 1843. Ressaltamos que essa resenha é parte de uma discussão maior desenvolvida em minha dissertação de mestrado.

Nascido em Cabo Frio, em 28 de março de 1812, filho de pai português e mãe negra, Antônio Gonçalves Teixeira e Sousa, de origem humilde, vê a precária condição financeira da família agravar-se com a proc lamação da independência do Brasil. Em face disso, é obrigado a interromper os estudos de Latim para dedicar-se à profissão de carpinteiro, o que lhe garantiria algum sustento. Dividindo-se entre o trabalho e a leitura, vê sua família se esvaír. Liga-se ao tipógrafo e livreiro, Francisco de Paula Brito, conhece a intelectualidade da época e começa a escrever *profissionalmente* (grifo nosso). Experimenta desde o teatro à poesia, mas é com a publicação de seus textos em folhetins que consegue chamar a atenção do público leitor. Segundo Domício Proença Filho (1997), em prefácio no livro **O filho do Pescador**, de Teixeira e Sousa Antônio Gonçalves Teixeira e Sousa, “De sua prosa, o destaque tem sido efetivamente ‘O filho do pescador’. Basicamente em torno da sua condição histórica de pioneirismo.” (PROENÇA FILHO, 1997, p. XII).

A vida de Teixeira e Sousa Antônio Gonçalves Teixeira e Sousa não foi fácil. Foram vários os reveses e tentativas de se firmar em um emprego que lhe rendesse retorno financeiro e reconhecimento enquanto escritor. Morre em 1º de dezembro de 1861, aos 49 anos, vítima de infecção pulmonar. Porém, ainda hoje, propõe a seus leitores, sejam eles críticos literários ou apenas apreciadores de nossa literatura, um olhar mais atento - um mergulho mais profundo nesse mar de possibilidades.

Muito se estudou sobre a época. Embora as opiniões não sejam

as mesmas sobre Teixeira e Sousa Antônio Gonçalves Teixeira e Sousa, é interessante um olhar despido de preconceito com *O filho do pescador*. Passemos então a pensar a obra como um exemplo de folhetim, com sua estrutura de reviravoltas, surpresas e público determinado: um texto para vender.

Para Yasmin Jamil Nadaf (2002), o folhetim “nasceu da pura necessidade de gerar prazer e bem-estar aos leitores ou ouvintes de jornais, cansados de verem os enfadonhos reclames oficiais ocuparem as páginas dos periódicos.” (NADAF, 2002, p. 17). Acompanhando as transformações políticas e sociais da época, os jornaleiros viram nesse ponto a oportunidade de aumentar o faturamento também aqui no Brasil. Ainda segundo Yasmin Jamil Nadaf (2002), “o resultado foi um grande sucesso. A fórmula continua amanhã ou continua num próximo número que a ficção em série proporcionava ao folhetim alimentava paulatinamente o apetite e a curiosidade do leitor diário do jornal.” (NADAF, 2002, p. 18).

E é justamente nesse contexto que resolvemos estudar *O filho do pescador*. De acordo com Hebe Cristina da Silva (2012), Teixeira e Sousa tinha consciência de que naquela época a maioria dos seus leitores eram jovens brancos. Navegando ao sabor dessa maré, Teixeira e Sousa buscou se inserir no contexto de produção na geografia de um tempo específico, para um público escolhido. Já no início de seu texto, numa espécie de conversa com o leitor - que depois será tão bem trabalhada em Machado de Assis - Teixeira e Sousa apresenta para o leitor o que será a vida de Laura e como aprender com ela. Através de uma carta dirigida a Emília¹, confessa que aceitou a ideia de publicar um romance em prosa, como ele mesmo escreve: “Que tarefa! Um romance para uma senhora casada e mãe; para um marido e pai, e enfim para dois jovens! De quantos sei, nenhum conheci digno disso, e este de que lanço mão é só em falta de outro melhor. Vós julgá-lo-eis”. (SOUSA, 1997, p. 1).

Percebe-se no excerto um autor atento ao que poderia vender. Num tom de fofoca - ou como queiram: conversa ao pé do ouvido - numa possível história real que lhe contaram, dá o pontapé inicial ao texto e se apresenta humilde para as possíveis críticas, chegando mesmo a registrar uma espécie de parceria com o leitor, em trecho posterior: “Escrevo para agradar-vos; junto aos meus escritos o quanto passo de moral, para que vos sejam úteis; junto-lhes as belezas da literatura, para que vos deleitem. Não corrijo este meu escrito, porque essa honra vós lhe fareis!” (SOUSA, 1997, p. 1).

1 Entendemos aqui que Emília estaria apenas servindo de interlocutor fictício, pois na verdade o autor se dirige a seu público leitor, formado basicamente por jovens, homens e mulheres letrados ou semialfabetizados, na primeira metade do século XIX em que discursos pedagógicos e a ficcionalização da vida cotidiana vinham contrastar com a realidade da época. Trata-se de uma sociedade ainda sem norte, em meio a turbulentas transformações no campo político.

Bem ao gosto da época, numa via de mão dupla, em que os autores exageravam nas descrições uma forma também de alongar o texto em contraponto do público leitor, que gostava de se ver retratado com tamanha perfeição física, embora estranhando algumas situações, Teixeira e Sousa apresenta, num cenário paradisíaco, aquela que será sua Eva, sempre deslumbrante mesmo ao acordar²:

Neste lugar de delícias, do fundo de uma espaçosa rua, acabava de saudar o nascimento do astro do dia uma mulher, que nesse mesmo desalinho do primeiro despertar, nada lhe faltava de quantas graças a natureza liberaliza aos seus prediletos! (SOUSA, 1997, p. 5).

Seduzindo com sua áurea angelical, Laura é capaz de se tornar aos olhos do leitor uma grande vítima das situações pelas quais irá passar durante toda a narrativa, apresentando-se como alguém que só queria ser feliz. Ou não. Porém, outro ponto chama-nos a atenção: a conversa em tom de aconselhamento do pai com o filho.

- E pensastes bem, meu filho, no que queres fazer?
 - Sim, meu pai.
 - E conheces tu essa mulher a quem te queres ligar e ligar para sempre? Sabes qual seja a sua pátria, seu estado e enfim seus costumes?
 - E o que há de comum entre essas coisas e o nosso amor? [...]
 - E o que é o amor? Ah! Meu filho! Eu já fui moço! Como tu és [...]
- (SOUSA, 1997, p. 8).

Como se pode perceber, ainda no início de seu texto, Teixeira e Sousa já delinea para o leitor que situações não aceitas pela sociedade hipócrita do século XIX irão perpassar no texto, algo como um espelho da realidade: desejos reprimidos, dissimulação, assujeitamento. O fato de o pai dizer ao filho que já havia sido “moço”, inexperiente como ele, faz com que esse simples diálogo se torne pedagógico - um homem que provavelmente já havia passado por situações semelhantes e que aprendera com elas procura passar essa lição para o filho. Trata-se de um acinte à curiosidade do leitor. Afinal, o que poderia esconder tão doce criatura?

Ao longo da narrativa, Teixeira e Sousa brinda o leitor com um perfil de mulher bem oposto aos padrões desejados para a época. Uma mulher que foge de casa com um homem, ainda no início da adolescência, tem um filho que lhe é roubado bebê, tem amantes, apaixonou-se por um

² É interessante salientar que naquela época a higiene não era um hábito. Segundo a pesquisadora Mary Del Priore, em seu livro intitulado *Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil*, Editora Planeta, 2011, os quartos não possuíam janelas, as camas ficavam molhadas de suor, os penicos eram recolhidos uma vez por semana e não existia escova ou creme dental. Dessa forma, apresentar ao público leitor uma personagem de “conto de fadas”, doce, linda era uma maneira de proporcionar-lhe o deleite, inspirando-lhe a imaginação e fazendo com que desejasse tornar real a história narrada nos folhetins. Porém, é importante ressaltar que havia, como em todo conto de fadas, a intenção pedagógica por trás das histórias, como o discurso das “aparências enganam”.

rapaz bem mais jovem - e nesse ponto o autor sugere um incesto: seria ele o filho perdido? - arquiteta mortes e continua, mesmo com o passar dos anos, bela e sedutora, bem consciente de si. Vejamos, pois.

Foi muito tarde que Augusto reconheceu a sua falsa posição de marido; foi muito tarde que quis ostentar a sua autoridade ou supremacia conjugal! Muito tarde, porque a talentosa Laura respondendo-lhe com uma galhofeira risada, ofereceu-lhe galantemente as suas saias justas em troca de seus calções! [...] Cumprir acrescentar que ao mais leve aviso que seu marido lhe fazia, e ainda com carinhos, ela tornava-se de fogo. Já vedes, era uma moça de talento! (SOUSA, 1997, p. 37).

Como se pode perceber, o discurso do pai para com o filho emerge na situação vivida por Augusto. Numa época em que se buscavam mocinhas ingênuas, doces, delicadas e dedicadas à família como um modelo a ser seguido pela sociedade, a personagem Laura se mostra dona de si, dona de suas vontades. Dissimula nas conquistas, porém, deixa claras suas intenções puramente de satisfação pessoal, de mulher mimada e manipuladora, cuja consciência faz parte do jogo de seu poder de sedução.

Trata-se de uma narrativa que, apesar de apresentar elementos questionáveis, como a falta de uma articulação entre os capítulos, tornando o enredo às vezes desconexo, conquista o leitor. O autor, bem ao gosto da mídia-folhetim, vai tecendo uma rede de signos imbricados, que prendem a atenção e aguçam a curiosidade do leitor, que indaga: como terminará a personagem Laura? Além das digressões, em que o autor muda o foco do texto para pontos aparentemente sem função, há também retomadas de situações ou mesmo uma espécie de balanço dos acontecimentos, buscando reconquistar aquele leitor que se encontra enfasiado, como podemos observar no trecho que se segue:

Há pouco existia um mancebo que se julgava feliz, que era rico, forte, robusto e que vivia no centro do prazer! Pouco depois um moribundo, e agora um corpo sem vida! Oh! Uma morte súbita! Como é doloroso! Que resta? Um corpo sem vida e uma família desolada! Em pouco mais de um ano, quantos acontecimentos! (SOUSA, 1997, p. 42).

Idas e vindas, reviravoltas na história, novas paixões. Apesar das longas descrições e dos atributos físicos inquestionáveis da personagem Laura, da apresentação do cenário como moldura para os acontecimentos, das digressões, da crise moral e dos valores para a nova sociedade do

século XIX, o público leitor de 1843 encantou-se com **O filho do pescador**, por apresentar uma narrativa que, assim como a própria personagem, começa mansa, parecendo pueril e depois aumenta o ritmo, quase tirando o fôlego do leitor nos seus capítulos finais.

Nesse diapasão, depreendemos que Teixeira e Sousa pode ter visto, nesse contexto, uma maneira de articular saberes, um quê de empreendedor mesmo. Uma vez que não caiu nas graças do governo, observou as condições de produção e apresentou ao público não aquele que viria a ser apontado como o primeiro romance romântico no Brasil, mas um folhetim com todos os ingredientes necessários para se fazer uma história ao gosto do público leitor da época.

Assim sendo, é válido ressaltar que seu texto merece ser visitado, lido, conhecido, estudado. Nele se tem, também, a gênese do Romantismo no Brasil. Que você, leitor, entre na rede e teça construções significativas da sociedade do século XIX, da cartografia literária sem amarras, sem preconceito, a partir do novo-velho jeito de narrar de Teixeira e Sousa. Seja coautor de **O Filho do Pescador**. E boas leituras!

Referências

NADAF, Yasmin Jamil. **Rodapé das miscelâneas: o folhetim nos jornais de Mato Grosso (Séculos XIX e XX)**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2002.

PROENÇA FILHO, Domicio. **O filho do pescador: o primeiro romance brasileiro**. In: SOUSA, Antônio Gonçalves Teixeira e. **O filho do pescador: o primeiro romance brasileiro**. Rio de Janeiro: Artium, 1997. (Coleção Confluências, 5)

SILVA, Hebe Cristina da. **Teixeira e Sousa entre seus contemporâneos: vida, obra, recepção e textos selecionados**. Cabo Frio, RJ: Secretaria de Cultura de Cabo Frio/Prefeitura Municipal de Cabo Frio, 2012.

SOUSA, Antônio Gonçalves Teixeira. **O filho do pescador**. Rio de Janeiro: Artium, 1997.